

Brasiliense despede-se do paraíso ecológico

Ecólogo mostra que danos ambientais crescem continuamente, reduzindo qualidade de vida

ELIANE OLIVEIRA
Da Editoria de Cidade

Brasília não é um paraíso ecológico, apesar das muitas áreas verdes existentes. Com menos de 30 anos, a cidade sofre graves problemas de degradação ambiental, que vão desde a poluição das águas e do ar até a destruição do solo. A situação é tão caótica que foge ao domínio dos órgãos responsáveis.

Cidades-satélites como Taguatinga e Ceilândia, que somam quase 1 milhão de habitantes, não recebem nenhum tipo de tratamento de esgoto. Indústrias e matadouros se instalaram sem qualquer licenciamento ambiental, atuando como agentes poluidores. O desmatamento e a degradação do solo estão inutilizando quase 65 por cento da área territorial do DF.

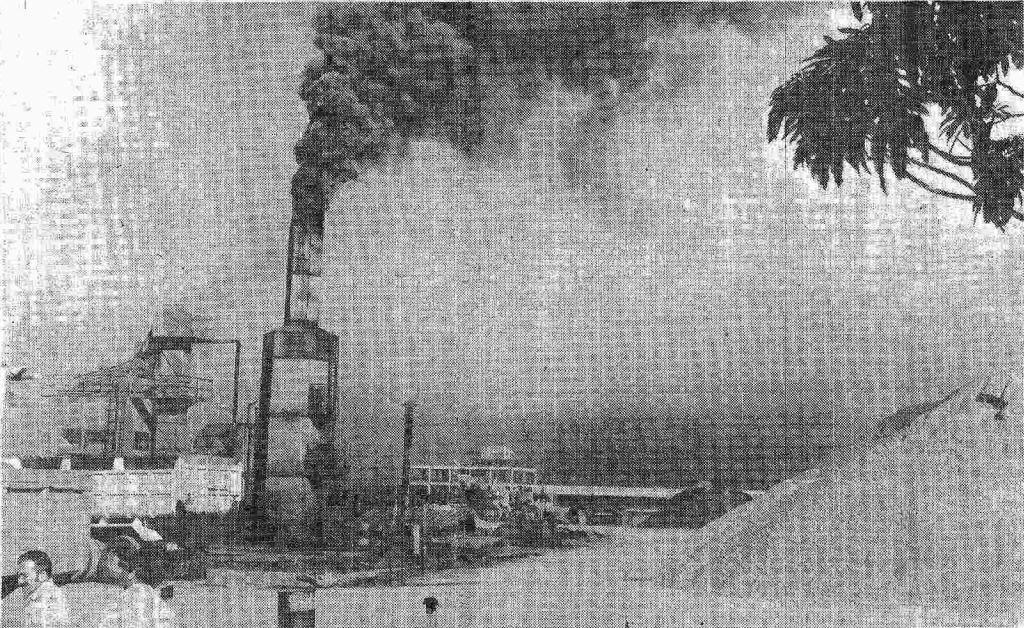
Em sete anos, o número de partículas em suspensão no ar (poeira) praticamente quintuplicou. Não há política de controle do uso de agrotóxicos. Cerca de 300 mil pessoas moram em

invasões, o que prova intenso e desmedido crescimento populacional. E o papel do sistema educacional de formar uma consciência ecológica não está sendo cumprido.

Tratam-se de dados alarmantes e ter conhecimento deles é fundamental. Na reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), a ser realizada em julho próximo, em São Paulo, certamente causarão polêmica entre os participantes, pois visam desmistificar a idéia de que o brasiliense vive sem poluição.

Essas informações estão contidas num trabalho que o sergipano Genebaldo Freire Dias, 39 anos, biólogo, químico e pós-graduado em ecologia pela Universidade de Brasília, vai apresentar na SBPC. Ex-diretor da Área de Controle de Poluição da Secretaria do Meio Ambiente e Tecnologia do DF (Sematec), atualmente o ecólogo se encontra na Secretaria do Meio Ambiente do Ministério da Habitação, Urbanismo e Meio Ambiente.

ADAU TO CRUZ



Industrialização desordenada prejudica a qualidade do meio ambiente

MARCOS HENRIQUE



Genebaldo Freire: diagnóstico preocupante

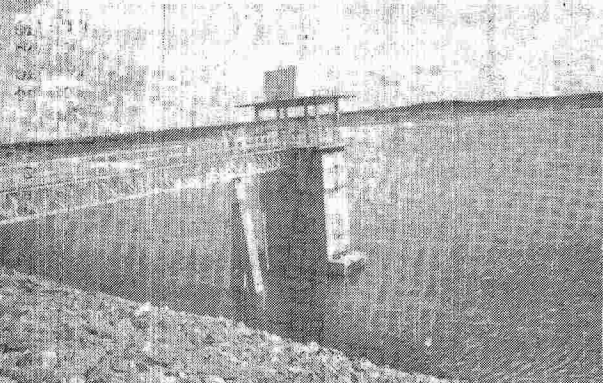
Ceilândia é exemplo de miséria

Você sabia que as cidades-satélites de Ceilândia e Taguatinga, ambas com cerca de 500 mil habitantes, não recebem qualquer tipo de tratamento de esgoto? Segundo o ecólogo Genebaldo Freire, isto só acontece nos países "de extrema miséria do Terceiro Mundo". E a situação torna-se "insustentável e enérgica" quando ocorre a nível de DF. "Nem nos países mais pobres do centro da África se fazem assentamentos humanos sem antes dotá-los de saneamento básico", revela ele.

Em sua opinião, a questão é elemental: "Por mais grave que seja a situação econômica de um país, não se justifica que pessoas sejam amontoadas em conjuntos habitacionais sem condições mínimas de higiene e saúde". Além disso, conforme o ecólogo, Brasília dispõe de muitas atividades industriais que poluem os recursos hídricos, sem qualquer tratamento para proteger o meio ambiente, somados aos grupos populacionais: os matadouros, as fábricas de cerveja e inúmeras microindústrias químicas, instaladas principalmente no Setor de Indústria de Taguatinga.

Genebaldo aborda ainda

ADAU TO CRUZ



Desmatamento provoca contaminação nas barragens

outro fator agravante, que é a inexistência de um aterro industrial específico para contenção dos efluentes das atividades de processamento químico: "Por esse motivo, freqüentemente registram-se episódios de agressão ao ambiente, pela deposição de materiais tóxicos à beira das rodovias, colocando em risco a biota (conjunto de seres vivos) e a qualidade do lençol freático (água subterrânea)". Ele dá como exemplo o caso do tonel de tófenol encontrado em Ponte Alta, no Gama.

"Se não houvesse a intervenção da Secretaria de Meio Ambiente e Tecnologia (Sematec), com certeza aquele produto tóxico contaminaria o lençol freático dentro de oito meses", advertiu. A descoberta aconteceu em janeiro e, segundo ele, só o cheiro do produto provocava dores de cabeça, vômitos e náuseas nos moradores do local.

REPRESAS

O próprio tratamento das represas é bastante diferenciado e, de acordo com Genebaldo Freire, é a população quem mais sofre com isso. Quem se abaste-

ce da represa de Santa Maria — Plano Piloto e Lago Norte — localizada no Parque Nacional, é um "privilegiado", pois a captação da água, feita em área de preservação ambiental, torna-se isenta das influências predatórias do homem.

No entanto, os que consomem água da Barragem do Descoberto, caso de Taguatinga e Ceilândia, já não têm a mesma sorte: "Embora a barragem esteja localizada numa área de proteção ambiental, existem em volta atividades incompatíveis com sua destinação". E lembra os matadouros de frango, a agricultura com uso intensivo de agrotóxicos e a presença de assentamentos humanos, sendo os principais as invasões.

"Os problemas são tão extensos que, na escala atual, fogem do controle dos órgãos responsáveis", afirma ele. Baseando-se no último relatório do Programa Ambiental das Nações Unidas (Unep), esclarece que a situação da água em Brasília ocorre no mundo inteiro: "O relatório mostra que a qualidade da água no planeta decaiu"

Como exemplo, ele cita a presença de nitratos (parâmetros que podem identificar a qualidade de um recurso hídrico, dado em miligramas por litro) na década de 40, no Primeiro Mundo, à base de 4 miligramas por litro: "Esses valores chegam, na década de 80, a 13 miligramas por litro".

Ele acredita que a degradação é reflexo de um modelo econômico mundial, baseado exclusivamente na exploração de recursos naturais: "Infelizmente, os empresários acham que os recursos são infinitos".

Crescimento populacional piora

Como forma de pressão ambiental, o crescimento populacional é um dos aspectos de maior peso, segundo Genebaldo Freire: "Ele produz um aumento de pressão nos ecossistemas urbanos, comprometendo seu equilíbrio, frustrando todas as previsões e impondo um ritmo caótico aos serviços públicos como saúde, educação, transporte e energia".

Em Brasília, revela ele,

Educação deixa muito a desejar

O papel que a educação poderia desempenhar na formação de uma consciência ecológica é duramente criticado por Genebaldo Freire, por considerá-lo "não cumprido". Em sua opinião, os alunos são submetidos a conteúdos programáticos que nada dizem de seu mundo real, de seus anseios e necessidades: "Assim, as aulas são desinteressantes, cansativas e em nada ajudam no desenvolvimento integral do indivíduo".

Conforme o ecólogo, educação ambiental ainda é expressão apenas de "retórica" em nosso meio. "Freqüentemente, encontramos grupos de alunos em visita-ção a áreas de proteção ambiental, sem que nenhum programa tenha sido desenvolvido previamente.

Ele acredita que esses recursos estão, aparentemente, à distância da comunidade, como áreas inatingíveis. "O contato da criança com a natureza deve ser agradável, para despertar uma apreciação. Mas o que se nota é que esse contato é feito com o conteúdo dos livros de ciências ou biologia na sua forma mais depreciada, ou seja, tratam dos problemas de poluição e sua parte mais feia. A criança só vai aprender a defender uma coisa que ela sentiu".



Na Ceilândia, erosão retrata avanços da degradação

Ar já exhibe índice elevado de poluição

O ar de Brasília sempre foi tido como puro. Mas no trabalho que vai apresentar na SBPC, Genebaldo Freire demonstra a queda da qualidade do ar de 1980 a 87. Só para se ter uma idéia, o número de partículas em suspensão (poeira) quintuplicou. Nesse mesmo período, a frota de veículos passou de 189 mil para 397 mil. Além disso, segundo ele, as indústrias se instalaram aqui sem nenhum licenciamento ambiental e hoje produzem poluição atmosférica que vem desperdando a população para a agressão.

Explica o ecólogo que é na época da seca que a poluição atmosférica torna-se mais grave: "Somados à poluição produzida pelos veículos e pelas atividades industriais, temos toneladas de partículas vindas das queimadas, que fluem durante meses, formando névoa seca".

A questão ambiental, diz ele, transcende as dificuldades financeiras do País, os limites políticos e os interesses pessoais: "O ambiente é um patrimônio da humanidade. Dependemos

dele para nossa sobrevivência e não temos o direito de passá-lo às próximas gerações, sem condições plenas de vida".

Outro agravante da qualidade do ambiente é o uso intensivo de agrotóxicos, "problema existente em todo o mundo". Ele afirma que o DF não dispõe ainda de uma legislação ambiental específica para o controle do uso dos biocidas: "Com isso, acrescentando o despreparo dos órgãos ambientais locais no que tange a recursos materiais, ocorrem erros na escolha dos agrotóxicos, no preparo, no armazenamento e na disposição final dos recipientes".

Segundo o ecólogo, tais falhas acabam gerando, freqüentemente, problemas sobre o ambiente total: intoxicações tanto nas pessoas que trabalham com essas substâncias quanto nos consumidores: "E uma questão que merece atenção especial e aos órgãos ambientais locais devem ser dadas as condições de trabalho necessárias para o controle dessa variável de agressão ambiental.